



## Os Nove Pentes D'África - Um Olhar Antirracista

### The Nine Combs of Africa – An Anti-Racist Perspective

**Carine Graciela Teichmann Soares Leves**

*Especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR).*

**Flávio Félix da Silva**

*Especialista em Metodologia do Ensino da Arte pela Faculdade São Luís.*

**Juliano Fabrício Antunes**

*Mestre em Ensino de História pela UFMS.*

**Leila Aparecida de Ataides**

*Especialista em Metodologias Ativas para a Docência na Educação Básica pela Universidade Federal de Itajubá.*

**Resumo:** O presente texto propõe uma análise crítica e pedagógica da obra *Os nove pentes d'África*, de Cidinha da Silva (2015), como instrumento de educação antirracista e valorização da identidade afro-brasileira. A narrativa, inicialmente voltada ao público infantojuvenil, ultrapassa essa faixa etária ao abordar, com sensibilidade, questões centrais como ancestralidade, pertencimento e resistência negra. A obra é analisada à luz da Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. A leitura foi integrada a uma proposta pedagógica interdisciplinar no 8º ano do Ensino Fundamental, envolvendo as disciplinas de Língua Portuguesa, Artes e Ensino Religioso. Os estudantes foram incentivados a refletir sobre a simbologia dos pentes e a importância da ancestralidade. A fundamentação teórica se apoia em autores como Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, Ricardo Henriques e Elaine Cavaleiro, destacando o papel fundamental da oralidade, tradição e memória como eixos formadores da identidade cultural afro-brasileira. Além da análise literária, o estudo aborda a tradição oral africana como um bem imaterial e meio de preservação cultural, destacando a figura dos griôs como guardiões da memória coletiva. A ancestralidade, nesse contexto, é compreendida como elemento central na construção da autoestima, identidade e pertencimento de crianças e jovens negros. A escola, por sua vez, é apresentada como um espaço privilegiado para a promoção da equidade racial, desde que comprometida com práticas pedagógicas decoloniais e inclusivas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a EREER (Educação das Relações Étnico-Raciais) também são discutidas como marcos legais que fundamentam a inserção de conteúdos étnico-raciais no currículo escolar. A experiência relatada evidencia que o trabalho com *Os nove pentes d'África* fortalece o combate ao racismo estrutural ao transformar a escola em um espaço de reconhecimento da diversidade, de valorização da cultura negra e de reconstrução da memória apagada pela escravidão.

**Palavras-chave:** ancestralidade; educação antirracista; identidade; tradição oral.

**Abstract:** This study presents a critical and pedagogical analysis of *Os nove pentes d'África* (The Nine Combs of Africa), by Cidinha da Silva (2015), as a tool for anti-racist education and for valuing Afro-Brazilian identity. Although originally intended for a young audience, the narrative transcends age boundaries by sensitively addressing key themes such as ancestry, belonging, and Black resistance. The work is examined in light of Law 10.639/03, which mandates the teaching of Afro-Brazilian history and culture in Brazilian schools. The reading was integrated into an interdisciplinary pedagogical project with 8th-grade students, involving subjects such as Portuguese Language, Arts, and Religious Education. Students were

encouraged to reflect on the symbolic meanings of the combs and the importance of ancestral heritage. The theoretical framework is supported by authors such as Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, Ricardo Henriques, and Elaine Cavalleiro, highlighting the central role of orality, tradition, and memory in shaping Afro-Brazilian cultural identity. In addition to the literary analysis, the study explores African oral tradition as an intangible cultural asset and a means of preserving collective memory, emphasizing the role of griots as custodians of this heritage. Ancestry is understood as a key element in fostering self-esteem, identity, and a sense of belonging among Black children and youth. The school is positioned as a vital space for promoting racial equity, provided it embraces inclusive and decolonial pedagogical practices. The National Common Curricular Base (BNCC) and the Education on Ethnic-Racial Relations (ERER) are discussed as legal foundations for integrating ethnic-racial themes into the curriculum. The educational experience described demonstrates how working with *Os nove pentes d'África* strengthens the fight against structural racism by transforming the school into a space for recognizing diversity, affirming Black culture, and recovering historical memory erased by slavery.

**Keywords:** ancestry; anti-racist education; identity; oral tradition.

## INTRODUÇÃO

*Os 9 pentes d'África* é uma obra de extrema sensibilidade que apresenta um enredo capaz de envolver o leitor na busca pelo entendimento da ancestralidade africana. O protagonista é o avô Francisco, um escultor que presenteia cada um de seus nove netos com um pente africano esculpido em madeira. Cada pente-presente representa um sentimento que está diretamente relacionado à personalidade do neto a quem se destina.

Indicada, num primeiro momento, ao público infantojuvenil, a obra pode ser apreciada por qualquer pessoa disposta a uma quebra de paradigmas no que se refere ao SER negro, visto que a mesma combina literatura, história, oralidade e ancestralidade africana. Essa combinação resulta em uma narrativa leve sobre identidade, pertencimento e resistência negra, fazendo um retrato da sociedade contemporânea. E nesse estudo buscará explicitar de que forma a literatura pode contribuir para a construção de uma consciência antirracista desde a infância.

Cidinha da Silva (2015) é uma escritora mineira, dramaturga, cronista e pensadora das relações étnico-raciais no Brasil. Autora de mais de 20 livros, é uma das vozes mais potentes da literatura afro-brasileira contemporânea. Sua escrita é marcada pelo compromisso político com a visibilidade e valorização das experiências negras, especialmente de mulheres e crianças. Em *“Os 9 pentes d'África”*, ela faz um convite ao reencontro com as origens, colocando suas palavras como um instrumento de luta simbólica contra o racismo e tornando-as uma poderosa ferramenta de valorização da negritude. Ao trazer a ancestralidade africana para o centro da narrativa, a autora reafirma a importância das histórias como forma de manter viva a tradição oral e a história do povo negro.

A obra em questão, repleta de simbologia, pois os pentes não são apenas objetos estéticos ou utilitários, mas símbolos históricos e espirituais das culturas

africanas, se destaca como um instrumento de educação antirracista e de valorização das culturas afro-brasileiras. Foi utilizada pelos autores deste texto, de forma interdisciplinar, em sala de aula, nas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental como parte da aplicação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. E através de uma análise literária e bibliográfica será possível ilustrar como a obra foi apresentada, lida e discutida com os estudantes.

## A LITERATURA COMO FERRAMENTA DE COMBATE AO RACISMO

A narrativa construída por Cidinha da Silva (2015) em *Os 9 Pentos d'África* valoriza a ancestralidade africana por meio da oralidade, das histórias e dos saberes tradicionais, destacando o poder formativo das narrativas culturais. Ao acompanhar a trajetória de personagens marcados pela herança africana, o livro revela como o resgate da memória e da identidade pode fortalecer os vínculos culturais e promover uma educação mais significativa e representativa. Essa valorização dos saberes populares e da escuta ativa se alinha a perspectivas pedagógicas que reconhecem a diversidade cultural como fundamento para uma aprendizagem crítica e transformadora. Dentro da contrapedagogia, Moretti e Adams (2011, p. 451) destacam que a pedagogia da insurgência se define no resgate das falas: a oralidade, as histórias e o folclore deixados pela ancestralidade com o objetivo de tornar a aprendizagem mais eficiente e formadora sobre a cultura das massas populares. Nesse sentido, também é possível reportar-se à pedagogia do discordar, tendo o direito à fala, à voz e à vez, em qualquer local e circunstância, e não ser desqualificado em suas ações contra-hegemônicas de enfrentamento a uma ideologia dominante.

Segundo Henriques, Ricardo e Cavalleiro, Elaine (2005), no prefácio à 2.<sup>a</sup> ed. da obra *“Superando o racismo na escola”*, organizada por Munanga Kabengele, a possibilidade de a escola se tornar um espaço de resistência e proteção frente à violência racial exige uma transformação profunda em sua lógica de funcionamento. Ainda hoje, o racismo presente no ambiente escolar não é reconhecido como uma forma concreta de violência. Qualquer obra que trate da superação do racismo nas instituições de ensino será, inevitavelmente, uma denúncia contra uma das manifestações mais cruéis de violência que ocorrem de forma contínua na sociedade brasileira. O racismo escolar ameaça o presente, distorce o passado e enfraquece as perspectivas de futuro para as novas gerações. E aqui cabe trazer a narrativa de Cidinha da Silva (2015), pois a narradora sofreu na pele, uma pele negra que carregava a história de luta de sua ancestralidade, o racismo na escola, perpetrado por quem deveria acolhê-la e, acima de tudo, protegê-la.

O pirralho me chamou de macaca. Meu avô foi lá cobrar satisfações e mastigava doze zangões, daqueles de ferrão bem venenoso, mas ouvia a diretora, como se não fosse com ele. Ela

disse que aquilo não podia ser; ele deveria observar bem, pois, além de bater, era menina batendo em menino, não era atitude adequada a uma mocinha. Ela punha a mão nas minhas tranças soltas de mocinha e depois passava na saia, para limpá-las de mim.

A invisibilidade do processo de discriminação racial impede uma discussão séria e profunda sobre as relações raciais brasileiras e inibe a implementação de políticas públicas específicas para os negros, mas apesar da indiferença da maioria, para quem o negro é desprezível ou invisível, começa-se a discutir políticas públicas e metodologias de ensino, com o intuito de reverter esse quadro tão desolador, restituindo aos povos vítimas desse sistema dominante e opressor o respeito e recriação de sua cultura de ancestralidade.

A necessidade de políticas públicas se justifica pelo fato de que os dados revelam uma realidade que está impregnada de uma violência subjetiva capaz de interferir em todos os âmbitos da vida de pessoas negras. Segundo relatório da Unicef de 2019, estudantes pretos e pardos apresentam o dobro de chances de abandonar a escola em comparação aos estudantes brancos. Esse dado evidencia os impactos do racismo estrutural e das desigualdades históricas que ainda marcam profundamente o sistema educacional brasileiro. Complementando essa análise, a PNAD Contínua de 2023, traz dados que indicam que entre os nove milhões de pessoas que não concluíram o Ensino Médio no Brasil, 71,6% são pretas e pardas.<sup>1</sup> Esses números reforçam que, embora a educação seja um direito universal, o acesso e a permanência na escola continuam sendo fortemente determinados por fatores raciais, sociais e territoriais. Isso mostra que, embora a educação seja um direito de todos, o acesso e a permanência ainda estão marcados por recortes de raça, classe e território.

Nesse sentido, a escola assume um papel significativo na luta contra o racismo como uma forma de manter o aluno negro na escola com uma aprendizagem de sucesso. Para tanto, há que se ressignificar a história da qual ele descende é uma das formas de fazer isso é através da interdisciplinaridade.

A obra *Os nove pentes d'África* valoriza profundamente a oralidade como forma de transmissão de saberes, memórias e afetos e, por isso, traz à tona a questão da importância da Tradição Oral, que se entende como a maneira mais antiga de se transmitir informações, histórias e valores de uma geração a outra. Essa transmissão se faz necessária, em especial quando abordamos as culturas africanas e indígenas, haja vista a ausência de escrita, pelo menos como expressão primeira dessas culturas.

Um relato transmitido de uma geração para outra objetiva manter viva a memória de um povo. Essa transmissão pode ser expressa pela fala, pinturas, danças, canções, entre outros que fixam na memória de um povo a tradição coletiva, sua cultura e identidade. É importante ressaltar que a tradição oral é um elemento da cultura imaterial que inclui práticas, vivências, representações, conhecimentos

<sup>1</sup> Fonte: *Guia de apoio ao desenvolvimento profissional de Diretores(as) Escolares*, p. 23, 2024

e habilidades que não estão escritas; por isso, pode ser manifestada em diferentes formas de linguagem (contos, mitos, canções, provérbios e outras expressões culturais). A tradição oral transmite não apenas narrativas, mas costumes, regras, valores, manifestações religiosas de uma sociedade, o que nos permite conhecer e, a partir disso, respeitar os costumes e as crenças dessas comunidades. E essa ideia se faz presente na obra, através da contação de histórias que Vô Francisco fazia:

Só da primeira vez nos chamou, nos dias seguintes íamos todos para a varanda na hora certa, à tarde, quando ele respirava melhor e parecia se cansar menos. Sentávamos à volta dele, em banquinhos iguais àquele em que repousavam seus pés inchados. Ele contava uma história cheia de voltas de segredos e no final entregava a um de nós o pente-presente (Silva, 2015, p.09).

Na tradição oral, elementos como o tempo e o espaço são fundamentais, pois fornecem o contexto em que as histórias são narradas e preservadas, moldando a maneira como são entendidas e transmitidas. Enquanto o tempo define a época em que ocorre e influencia a memória coletiva e a forma do conteúdo da narrativa, o espaço trata do ambiente físico e social onde os lugares e as interações sociais podem ser incorporados à narrativa.

Entende-se, no entanto, que a repetição de elementos culturais às novas gerações também está sujeita a adaptações e transformações ao longo do tempo, ainda que não seja o ideal para os guardiões da memória conhecidos como griôs. Os griôs, do francês griots, são personagens que atuam em diversos países da África Ocidental e são exímios conhecedores e transmissores da história do povo e das famílias africanas.

Os griôs contam histórias e compartilham conhecimentos e canções de um povo, transmitidos oralmente de século em século. Por isso, são conhecidos como guardiões da cultura, das tradições e da memória e são zelosos com seu ofício, buscando não cometer erros ao transmitir sabedoria e manter vivas as memórias do passado para as novas gerações, com o intuito de que conheçam e admirem a força dos seus ancestrais.

Os ancestrais dos africanos são extremamente importantes, pois são fontes de sabedoria, identidade e pertencimento. A ancestralidade é um valor central para esse povo, essencial para a saúde, bem-estar e continuidade da vida. Essa valorização contribui para a memória coletiva e a história das comunidades africanas. Segundo a narradora da obra *Os nove pentes d'África*

A história dos pentes dormitavam na parte ornamental e na magia de pentear os cabelos, desembaraçá-los, trançá-los novamente, sentados entre as pernas das trançadeiras, tia Neusa ou Dinda, e vô Berna. O vô mantinha-se sempre atento aos desenhos que iam surgindo e a nós que íamos aprendendo a trançar. São imagens felizes da nossa infância. Juntos desenrolávamos os enredos. Histórias contadas pelos mais velhos, outras inventadas por

nós, as crianças, a partir de brincadeiras e memórias ancestrais, até, como dizia com seriedade o vô. “Ancestralidade, os novos também tinham” (Silva, 2015, p. 08-09).

A tradição oral é variada e diversa e reflete a riqueza e a pluralidade das culturas humanas e adquiriu formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e pluralidade das identidades que caracterizam os grupos e a sociedade. Fonte de intercâmbios de inovação e criatividade. A tradição oral era, e continua sendo, importante nas muitas culturas, desempenhando papel crucial na manutenção de suas crenças, valores e cultura e na construção e no fortalecimento das identidades.

Para os afrodescendentes, a identidade é fundamental na construção de autoestima, pertencimento e combate ao preconceito e ao racismo, inclusive na escola, também impulsiona a luta por direitos e igualdade de oportunidades e respeito à diversidade já citada. Observa-se que a educação sobre a história e a cultura da África e da cultura afro-brasileira é fundamental para que os alunos negros se valorizem e desenvolvam a luta contra o racismo e a discriminação.

Lembrava-se também das nossas brincadeiras com os outros pentes, quando crianças, do vô dizendo que menino também poderia trançar o cabelo, pois era muito bonito, um trabalho de arte na cabeça e que “guerreiros de várias etnias africanas usavam tranças, sim senhor, ou achávamos que as esposas e as guerreiras tinham tempo de sobra para se dedicar às tranças dos rapazes?”.

O Zazinho fez as primeiras tranças aos nove anos, com a ajuda da Luciana, que tinha treze e muita prática. Quando chegou trançado à escola, foi aquela gozação. Trança era coisa de menina naquela época, mas lá em casa todo mundo apoiou. Hoje o Zazinho se orgulha de ter sido o primeiro a usar tranças no bairro, e se orgulha mais ainda de ser um habilidoso trançador (Silva, 2015, p.45).

A valorização do cabelo afro, dentro desse contexto, torna-se um símbolo potente de identidade, resistência e valorização pessoal para os estudantes negros, contribuindo para o enfrentamento do racismo e para a construção de um ambiente escolar mais justo, respeitoso e diverso. A escola precisa ser um lugar de diálogo e respeito às diversidades, onde os estudantes aprendam a respeitar as diversas culturas e identidades étnico-raciais para juntos construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Considerando-se que os seres humanos crescem e se desenvolvem em sociedade em tempo e espaço definidos e nessa convivência com os outros adquirem costumes, crenças e valores que fazem parte do que são. É necessário observar que características comportamentais, língua, culinária, jeito de vestir, crenças, normas e valores compõem o que somos e é chamado de identidade cultural.

O sentimento de pertencer a um grupo cultural específico é um processo contínuo de construção e reconstrução moldado pelas experiências individuais e em grupo, que podem variar com o tempo, e a escola é agente ativo nessa construção. As pessoas são diferentes umas das outras, possuem identidades culturais próprias e únicas e isso não as pode impedir de conviver pacificamente com os demais. O fato de conhecer costumes diferentes, culturas e valores diversos contribui para o desenvolvimento de uma nova maneira de ver o mundo sem que se precise abrir mão de sua identidade cultural.

A diversidade cultural e religiosa é uma realidade nos espaços de convivência; respeitá-la é um dever de todos e essa diversidade é tão necessária para o desenvolvimento social como a diversidade biológica é para a natureza. A cultura constitui patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

Sendo assim, o trabalho desenvolvido com os alunos do 8º ano do ensino fundamental, a partir da leitura do livro *Os nove pentes d'África*, de Cidinha da Silva (2015), materializa uma proposta curricular comprometida com a valorização da identidade negra, da memória ancestral e da resistência como prática educativa. A atividade se insere no esforço contínuo de implementar, de modo transversal e interdisciplinar, os princípios da Lei 10.639/03, atualizando o debate sobre racismo estrutural e desigualdade a partir da perspectiva decolonial.

No componente de Língua Portuguesa, a leitura da obra foi mediada em encontros coletivos, em que os estudantes se debruçaram sobre o enredo e investigaram as simbologias presentes nos nove pentes, interpretando seus significados à luz de suas próprias histórias e vivências. O ambiente de leitura também foi de escuta e partilha, replicando a narrativa do livro em que as crianças sentavam para ouvir as histórias do Avô. Essa escolha metodológica reforçou a centralidade da oralidade como patrimônio cultural africano e afro-brasileiro, ressignificando o lugar da escuta no processo de aprendizagem. Tal dinâmica evidenciou o efeito duplo da literatura que, conforme Zilbermann (2008, p. 23):

Aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. Nesse sentido, o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências.

Em Arte, o diálogo com o texto literário foi além da interpretação verbal. Os estudantes foram convidados a representar em ilustrações autorais cenas marcantes do livro, dentre elas, o momento em que Vô Francisco conhece Vô Berna. A escolha por essa cena revelou a sensibilidade dos alunos diante da narrativa e da memória da ancestralidade.

As ilustrações foram ponto de partida para a produção de curtas documentais, nos quais os alunos narraram, com recursos visuais, os significados simbólicos

de cada pente descrito na obra. Em formato de minidocumentário, os curtas exploraram temas como pertencimento, reconexão com as raízes, espiritualidade e reconstrução da memória apagada. Os estudantes também pesquisaram contextos históricos relacionados aos pentes e objetos da cultura africana, conectando os conhecimentos de forma crítica.

Outro momento importante do trabalho foi a confecção de bonecas Abayomi, referência a um dos personagens do livro e à prática ancestral de mulheres negras escravizadas que, mesmo em condições desumanas, produziam brinquedos com retalhos de seus vestidos para consolar os filhos. A atividade foi realizada nas turmas de 8º ano nas aulas de Arte e Matemática. E, posteriormente, um grupo desses alunos, acompanhado pelo professor de Arte, realizou uma oficina confeccionando bonecas Abayomi com alunos da educação infantil. Nesta atividade pedagógica, os alunos tornaram-se multiplicadores de cultura e memória, assumindo o papel de educadores e protagonistas da herança que reconstruíram. Tais experiências pedagógicas alinham-se à perspectiva de Gouvea *et al.* (2024), ao promoverem, desde cedo, a valorização de contextos culturais e a construção de uma consciência crítica diante, conforme afirma a autora: Desde cedo, as crianças devem ser ensinadas a entender contextos culturais diversos e saber respeitar as diferenças, com ação e consciência transgressoras às atitudes e posturas excludentes presenciadas nas interações sociais (Gouvea, 2024, p.71).

Ao confeccionar as bonecas Abayomi, a matemática esteve presente em diversos momentos. A base da boneca foi formada por pedaços de tecido, cortados em formatos específicos, o que permitiu abordar a geometria plana e o uso de instrumentos de medida. O corpo e os braços, por exemplo, foram iniciados a partir de tiras retangulares, possibilitando a exploração de base, altura, perímetro e área. Da mesma forma, os círculos utilizados para fazer a saia ou adornos da cabeça também contribuíram para esse estudo. Além disso, ao dobrar o tecido ao meio para fazer o corte central, que dividiu as pernas da boneca, trabalhou-se o conceito de simetria bilateral. Para garantir que os braços e as pernas estivessem proporcionais em relação ao tronco, exploraram-se também as noções de proporção. A confecção das bonecas tornou-se um excelente modelo para estudar polígonos, congruência e semelhança. Isso foi observado quando os estudantes compararam as “pontas” dos braços e das pernas: ao realizarem os nós à mesma distância das pontas, as formas obtidas foram congruentes, ou seja, idênticas. Da mesma forma, ao compararem bonecas de tamanhos diferentes, de 15 e 30 centímetros, com as mesmas proporções de corte, criaram figuras semelhantes, sendo possível calcular a razão de semelhança.

No trabalho com o trançado africano, mais uma vez não apenas as matrizes culturais foram ressignificadas, mas também o próprio ensino da matemática. Ao utilizar esse elemento como recurso pedagógico, evidencia-se que conceitos como beleza, simetria e proporcionalidade tornaram-se mais significativos e contextualizados, afastando o racismo epistêmico. Isso se deve ao fato da presença da etnomatemática nesse trançado, que valoriza saberes historicamente marginalizados. Nesse sentido, destaca-se que de acordo com as Competências

## Específicas da Matemática e suas Tecnologias para o Ensino Fundamental é necessário

Reconhecer que a Matemática é uma ciência humana, fruto das necessidades e preocupações de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos, e é uma ciência viva, que contribui para solucionar problemas científicos e tecnológicos e para alicerçar descobertas e construções, inclusive com impactos no mundo do trabalho (Brasil, 2018, p. 267).

O trançado africano é um dos exemplos mais sofisticados de etnomatemática, onde o corpo humano torna-se o plano para construções geométricas. E onde podemos aprofundar o estudo de transformações isométricas e sequências lógicas. Ao estudar o trançado dos cabelos, que é um processo repetitivo que segue uma regra lógica, foi possível identificar o padrão geométrico de repetição, o que ajudou os alunos a entender a generalização de padrões. O couro cabeludo serviu de base para um plano onde ocorrem diversas transformações isométricas. A translação observada nas tranças em linha reta, tem um padrão de entrelaçamento que se desloca em uma direção constante, repetindo o mesmo padrão geométrico ao longo de um vetor. Da mesma forma a reflexão, que ocorre nos penteados divididos ao meio, em que se utiliza um eixo de simetria cujo padrão criado no lado direito é uma imagem do lado esquerdo. Ao desenvolver essa atividade, cada aluno foi convidado a criar em um círculo (representando a cabeça) um padrão de trança que usasse translação e reflexão.

Já em Ensino Religioso, o professor usou os princípios do Círculo de Paz para promover a discussão sobre a simbologia presente na obra. A roda de conversa permitiu que os alunos compartilhassem suas experiências pessoais e percepções sobre respeito, empatia e diversidade religiosa e cultural. A atividade favoreceu a escuta ativa e o fortalecimento dos vínculos entre os estudantes, criando um ambiente acolhedor para o diálogo sobre valores humanos e espirituais. Nesse sentido, evidencia-se a importância da tolerância como fundamento da convivência, uma vez que:

A liberdade se torna a condição para a tolerância; esta surge quando nos importam as diferenças existentes entre as pessoas e nós a aceitamos como um enriquecimento, ou seja, trata-se da constatação positiva do valor da diferença como única forma de garantir a consciência plural, na forma de condutas de flexibilidade e autocontrole (Serrano, 2002, p. 50).

A culminância do projeto foi um sarau literário, no qual os alunos apresentaram raps e rimas autorais que abordavam o protagonismo feminino na obra, o racismo estrutural, a implementação da Lei 10.639/03, a valorização das tranças africanas como símbolo de identidade, ancestralidade e resistência, a capoeira como resistência cultural negra e a reconstrução da memória apagada pela escravidão. Essas manifestações artísticas reforçaram o papel da escola como espaço de escuta, expressão e afirmação da cultura afro-brasileira. O Sarau não foi apenas um

momento de apresentação, mas sim um espaço de voz e afirmação de identidade, onde os estudantes puderam se reconhecer como sujeitos, herdeiros de uma história silenciada, que continua viva.

Esse trabalho interdisciplinar reposiciona a proposta pedagógica como espaço de transformação. A obra foi o eixo mobilizador para uma prática que aposta na oralidade, na escuta e na produção como fundamentos epistemológicos legítimos. Assim, a proposta não apenas respeita os dispositivos legais que orientam a inclusão da história e cultura afro-brasileira nas escolas, mas os ressignifica a partir da escuta ativa dos estudantes, da valorização de suas narrativas e da produção de conhecimento.

O trabalho interdisciplinar com “Os nove pentes d’África” mostrou que a escola pode ser um lugar onde a ancestralidade negra é cultivada como semente de futuro. Ao colocar no centro do caminho formativo as histórias, os símbolos e as experiências históricas do povo negro, mediadas por uma obra literária, a prática docente se afirma como ética e comprometida com a reconstrução da memória histórica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A BNCC ( Base Nacional Comum Curricular), que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e incorpora a Lei 10.639/03, torna obrigatório, tanto nas escolas públicas como nas particulares, o ensino da História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas, promovendo a EREs (educação das relações étnico-raciais). A temática é trabalhada de forma transversal e integrada aos componentes curriculares ( no caso desse trabalho, Artes, Ensino Religioso e Língua Portuguesa), buscando a valorização da diversidade e o combate ao racismo a partir da escola.

A EREs objetiva o reconhecimento e a valorização da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, o combate ao racismo e à discriminação, a promoção da igualdade racial e do respeito às diversidades, além do desenvolvimento de uma cultura de paz e justiça. Nesse contexto, a BNCC estabelece competências específicas e habilidades visando a formação de estudantes conscientes e críticos com relação às questões étnico-raciais.

Sendo assim, a obra *Os nove pentes d’África*, de Cidinha da Silva (2015), contribui diretamente para o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes, ao apresentar elementos afetivos e simbólicos que dialogam com a realidade de muitos deles. Através da valorização da identidade africana, das tradições e dos saberes populares, a obra literária oferece referências culturais que muitas vezes são silenciadas no cotidiano escolar. Atividades interdisciplinares como as desenvolvidas com as turmas de 8º ano reforçam o papel da escola como espaço de acolhimento da diversidade e de combate ao preconceito, promovendo o respeito às diferentes formas de ser, viver e aprender. Assim, ao integrar a literatura cuja temática versa sobre a africanidade no currículo escolar, a obra de Cidinha da Silva (2015) contribui para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e

plural, permitindo que os estudantes se reconheçam e se orgulhem de suas raízes culturais, ao mesmo tempo em que ampliam seu horizonte de compreensão sobre o mundo e as diversas histórias que o compõem. Ademais, desperta nos estudantes a curiosidade a respeito das histórias que são parte de cada um e os leva a refletir com maior sensibilidade sobre as questões étnico-raciais.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre. **O que é decolonialismo?** Escola de Comunicação e Arte, 2024. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/noticias/cje-departamento-de-jornalismo-e-editoracao/o-que-e-decolonialismo-por-alexandre-barbosa>> Acesso em: 15 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: a educação é a base.** Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

GOUVEA, L. R.; VALLE, M. C. A. do; SILVA, O. H. F. da; ALVES, R. O. **Formação de professoras da Educação Infantil para Educação das Relações Étnico-Raciais: Analisando o Programa Erês da UEMG.** SCIAS. Direitos Humanos e Educação, v. 7, n. 2, p. 63–83, 2024.

HENRIQUES, Ricardo, CAVALLEIRO, Eliane. In: **Superando o Racismo na Escola.** MUNANGA, Kabengele(org). Brasília, 2005.

MEC - Ministério da Educação. **Escola das Adolescências. Unidade 5: Diversidade e inclusão na adolescência.** Disponível em:<https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-das-adolescencias/V2GuiadeapoioaodesenvolvimentoprofissionaldeDiretoresasEscolares.pdf>

MORETTI, C. Z. & ADAMS, T. **Pesquisa Participativa e Educação Popular: epistemologias do sul.** Educação & Realidade, 2011, 2, 447-463.

SILVA, Cidinha da. **Os nove pentes d'África.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.

ZILBERMAN, R. Sim, a Literatura educa. In R. Zilberman & E. T. da Silva (Orgs.), **Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto.** São Paulo: Global Editora, 2008.